

SÉRIE

88

História

ORGS. MARCO AURÉLIO VANNUCCHI
LUCIANO ARONNE DE ABREU

1930-1945



ediPUCRS

Marco Aurélio Vannucchi

Luciano Aronne de Abreu

A ERA VARGAS
(1930-1945)
Volume II

Série História | 88

© EDIPUCRS 2021

CAPA Thiara Speth

DIAGRAMAÇÃO Palavra Bordada

REVISÃO Gaia Revisão Textual

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E65 A era Vargas : (1930-1945) / Marco Aurélio Vannucchi, Luciano Aronne de Abreu organizadores. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2021.
2 v. - (Série História ; 88)

ISBN 978-65-5623-205-8 (v. 2)

1. Brasil – História – Governo Getúlio Vargas. 2. Brasil – História política. 3. História. I. Vannucchi, Marco Aurélio. II. Abreu, Luciano Aronne de. III. Série

CDD 23. ed. 981.061

Anamaria Ferreira – CRB-10/1494

Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.



Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33
Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone/fax: (51) 3320 3711
E-mail: edipucrs@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/edipucrs

Getúlio Vargas e a poluição biográfica

Luiz Alberto Grijó

A provável série biográfica¹ mais recente sobre Getúlio Vargas, elaborada pelo jornalista e escritor especializado no gênero Lira Neto, apresenta uma pequena epígrafe em cada um de seus três volumes (NETO, 2014; 2013; 2012). Um tanto desconexas umas das outras, todas da lavra do biografado, a que me interessa aqui é a do primeiro volume: “sou contra biografias” (NETO, 2012, p. 5). A declaração atribuída a Getúlio Vargas, aliás descontextualizada e sem indicação de quando e onde teria sido proferida, emoldura ironicamente o volume inaugural do gigantesco esforço operado pelo autor para a concretização do empreendimento descritivo da vida de seu personagem central. Algo, porém, que talvez tenha escapado a Lira Neto, ou não, é que há uma outra ironia inserida na frase. Getúlio Vargas, sem receio de errar e mesmo desde uma perspectiva impressionista, foi e continua sendo o brasileiro mais agraciado ou desgraçado com biografias, escritas memorialísticas e depoimentos de todos os tempos, além de documentários e outros produtos

¹ No total, os três volumes contam com 1.652 páginas.

impressos e audiovisuais. Ademais, tomou parte ativa na elaboração de uma biografia laudatória lançada em 1943, escrita por uma pena de aluguel, a do austríaco Paul Frischauer, e, ao que tudo indica, em consonância com os esforços propagandísticos de seu governo, em especial do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A edição foi impressa simultaneamente em três idiomas: português, francês e espanhol (FRISCHAUER, 1944; KESTLER, 2003).

O homem que era contra biografias também deixou um diário. Ele próprio não o mandou publicar, mas isso seria feito posteriormente, pela instituição que leva seu nome, Fundação Getúlio Vargas, desde a série de cadernos deixados por ele e organizados por sua neta, Celina Vargas do Amaral Peixoto (VARGAS, 1995). O tom de sua escrita revela um autor que não está anotando passagens aleatórias e esparsas para o próprio consumo, mas relatando fatos, impressões, convicções e opiniões para “a posteridade”. Não obstante, logo no início, escreveu Vargas: “lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar” (VARGAS, 1995, p. 3). Alegadamente, pois, o material seria para proveito próprio, mas o tempo todo fica claro – como na própria passagem acima em “como quem” – que Getúlio não está escrevendo de si para si, mas, sim, para o “público”, mesmo que o negue. Isso se sustenta ainda mais se levarmos em conta não somente o que é dito nos cadernos que compõem o diário, mas o que não é dito ou omitido. A primeira data de entrada é 3 de outubro de 1930, de onde extraí a citação acima, dia em que estourava a revolta armada que Getúlio mesmo chamou de “Revolução”.

Desde muito cedo, ainda em vida, Getúlio Vargas foi sendo cercado e cercou-se, em seu salto de político de província a chefe do Governo Federal, de produtos biográfico-memorialísticos impressos que incluíram: memórias e depoimentos de familiares e assessores (PEIXOTO,

1960; VERGARA, 1960); biografias mais ou menos encomendadas publicadas ainda em vida (CARRAZZONI, 1939; FRISCHAUER, 1944); biografias e apropriações jornalístico-literárias (SILVA; CARNEIRO, 1983a; 1983b; HARTMANN, 1984; JORGE, 1994; 1987; ARAÚJO, 1985; FRANCO, 1993; TAVARES, 2004; NETO, 2014; 2013; 2012); ensaios, notas ou estudos biográficos de origem acadêmica (VARGAS, 2010; LEVINE, 2001; FAUSTO, 2006); um extenso diário (VARGAS, 1995); e, até mesmo, eventuais esforços de adversários políticos em dar conta do “caudilho de São Borja” (HENRIQUES, 1967; 1966; 1961).

As referências aqui arroladas não são produto de um levantamento sistemático, o qual certamente agregaria ainda mais títulos publicados que tiveram Getúlio Vargas como centro – e isso sem levar em conta produções audiovisuais sobre ele ou em torno dele, tais como documentários, novelas, minisséries, depoimentos, filmes, programas de rádio e TV; ou formas alternativas de impressos, como panfletos, publicação de discursos, material de propaganda, textos pedagógicos. Ou seja, listei apenas uma amostra dos tipos variados de produtos e apropriações dentre aqueles publicados por escrito, em formato bibliográfico. Em todo esse esforço, ao contrário do que poderia se esperar, a vida de Getúlio Vargas foi sendo cada vez mais imersa e enevoadada por uma espécie de poluição biográfica. As informações, especulações, impressões, juízos de valor, opiniões, fatos e evidências são tantos, muitos deles contraditórios, outros complementares, outros incomensuráveis entre si, que o efeito de tudo isso não é necessariamente de conhecimento, de esclarecimento sobre os percursos e percalços da vida do controverso presidente, mas de confusão, excesso e relativização, ou, em uma palavra, de desconhecimento.

Ao invés de um Getúlio Vargas mais próximo do homem de carne e osso, a poluição biográfica contribui em seu conjunto para afastá-lo do mundo dos mortais e consolidá-lo como aquilo em que foi sendo transformado: um monumento. A maior parte dos elaboradores desse tipo de material não se preocupa em respeitar a premissa de

que o monumento está dado, e, ademais, documento é monumento (LE GOFF, 1994; FOUCAULT, 1986), ou história objetivada (BOURDIEU, 1989). A tarefa do estudioso ocupado da produção de conhecimento não é a de contribuir para a engenharia monumental, ou para a objetificação da história, e sim a de desconstruir tais monumentos e objetos enquanto tais. O investigador não é um desmistificador ou desmitificador, ou muito menos um juiz, mas, sim, o praticante de um ofício que visa explicar ou compreender, e não julgar, consolidar ou reforçar conceitos e preconceitos forjados em bronze.

Efetivamente, a poluição bibliográfica contribui para a cada vez maior construção monumental que, muitas vezes, alegadamente, diz pretender “decifrar” e “descrever” ou “desfazer” e “revelar”, isso quando diz alguma coisa sobre seus métodos ou intenções. Os resultados, na maioria das vezes, não são arqueologias do monumento (FOUCAULT, 1986), mas sua matéria-prima. Por esse motivo, a noção de poluição me parece apropriada. Poluição pelo excesso do mesmo que, enfim, contribui cada vez mais para o reforço estrutural da estátua biográfica, frequentemente uma estátua real equestre, e sua constante reatualização, limpeza, polimento, lavagem, blindagem, conserto e outros expedientes similares², mesmo quando pretensamente pretende pô-la abaixo ou revelar sua “essência”. Isso independe do sentido da construção, que pode ser positiva, apologética (CARRAZZONI, 1939), ou negativa, demonizante (HENRIQUES, 1961). Afinal, o demônio também precisa de materialidade para ser buscado e exorcizado pelos grupos de motivados militantes.

Neste artigo discuto justamente essa ordem de problemas a partir de Getúlio Vargas como biografia. Biografia no sentido de uma vida posta por escrito, contada como uma história enquanto

² Parece ser sempre muito importante manter os monumentos asseados, livres dos excrementos das aves que costumam utilizá-los como poleiros e dos fungos que neles se instalam oportunisticamente, o que normalmente compromete suas integridades materiais e simbólicas.

narrativa com início, meio, fim e, mais importante, finalidade. O texto está dividido em duas partes. No início abordo a questão da biografia e seus usos e apropriações, tendo como fio condutor dois casos de escritas da vida de Getúlio Vargas, os livros de André Carrazzoni (1939) e Affonso Henriques (1961). Na segunda parte, discuto uma biografia específica do ex-presidente (FRISCHAUER, 1944), que me parece paradigmática de certo tipo de seus usos ou serventias: apologia e propaganda política.

A empresa biográfica

Meus primeiros contatos como pesquisador com biografias se deram ainda na década de 1990, quando preparava minha dissertação de mestrado (GRIJÓ, 1998), depois vertida em livro (GRIJÓ, 2017a). De modo geral, a historiografia brasileira acadêmica estava em meio a sua “guinada linguística”, iniciada na década precedente, quando paulatinamente deixava um pouco de lado o anteriormente dominante objetivismo estruturalista totalizante, marxista ou não, pendendo cada vez mais para os estudos culturalistas, subjetivistas e monográficos. As primeiras influências nesse sentido vinham da chamada nova história francesa e da micro-história italiana, além do culturalismo anglo-saxão. Gilberto Freire voltou à baila, ocupando o lugar referencial anterior que era de Caio Prado Júnior. Com isso, a biografia, antes rechaçada como instrumento ou resultado de trabalhos dignos do saber acadêmico em formação, começou a se insinuar no meio dos pesquisadores nativos. Diferentemente, porém, de um “retorno da biografia” (PENDARIES, 1991), tal qual experimentado pela secular academia francesa ainda nos anos 1970, aqui, em nossas jovens e insipientes instituições de pesquisa em história e ciências sociais vinculadas à universidade e aos cursos de pós-graduação, se tratava de uma novidade, que passou a se espriar desde a difusão e publicação de novas dissertações e teses ao longo dos anos 1990.

Fora da academia, contudo, a produção biográfica sempre fez parte dos horizontes culturais dos letrados brasileiros, desde seus primeiros esboços no século XIX, a partir de espaços mais ou menos institucionalizados de produção e difusão: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (OLIVEIRA, 2007), seus congêneres provinciais e depois estaduais, sociedades literárias, imprensa, iniciativas individuais de letrados os mais diversos, muitas vezes dispersos pelas paróquias dos interiores. No mundo em geral, portanto, o empreendimento biográfico nunca deixou de ocupar um lugar privilegiado. Como apontei em outro momento, as biografias, principalmente dos “grandes homens”³, nunca deixaram de fazer parte do horizonte da produção ensaístico-literária nativa, sendo que a “obra” paradigmática nesse sentido me parece ser “Um estadista no Império” de Joaquim Nabuco, mistura de biografia e memórias sobre o pai do autor em três largos tomos publicados desde 1897 (NABUCO, 1997).

As biografias, principalmente, mas não exclusivamente, de supostos “grandes homens”, continuaram, ao longo do tempo e sem solução de continuidade, sendo produzidas por jornalistas, advogados, médicos, políticos, militares, enfim, por agentes de formações culturais e escolares e de profissões as mais diversas. A permanência cultural das biografias parece se dever a sua grande aceitação por

³ Tradicionalmente são assim mesmo, biografias de “grandes homens”. Homens, brancos, viris ou virilizados, tidos como heróis e modelos, do tipo Giuseppe Garibaldi, Borba Gato, Dom Pedro I, Tiradentes etc. Eventualmente, aparecia alguma “mulher de virtudes” que também merecia a atenção biográfica e, mais recentemente, começam a aparecer com muito mais força “grandes mulheres”, como Anita Garibaldi, bem como outros e outras candidatos a heróis, como pessoas negras: Zumbi e Dandara dos Palmares, Pelé, Madame Satã. Muito da ampliação do espectro dos biografáveis vem dos trabalhos acadêmicos, que tiveram uma aceitação importante por grupos identitários organizados: movimentos e organizações feministas, de negros, de LGBTQIA+.

públicos os mais heterogêneos. Alguns tendem a “consumir” as biografias de algum “grande” ou “notável” que tenha transitado e/ou atuado em contextos mais relativos a meios específicos – geográficos, étnicos, profissionais, culturais e similares –, sendo que outros consomem as biografias de agentes conhecidos e reconhecidos mais vastamente – em grande parte devido à própria empresa biográfica – como “grandes” ou “notáveis” em escalas mais amplas – como no caso “das artes”, do mundo do entretenimento, das religiões, dos “heróis” dos conflitos militares, das disputas político-partidárias e/ou político-ideológicas (GRIJÓ, 2008, p. 90).

Além disso, as biografias normalmente são consumidas como “exemplos de vidas a serem seguidas”. Circulam pelos leitores como *exempla* na melhor tradição ciceroniana, servindo de paradigmas e repositórios de conselhos e saberes práticos considerados muito úteis pelos formadores de candidatos a “grandes” ou para os que têm tal pretensão ou ilusão. Elas se aproximam não só da construção de mitos para a organização ou reforço de grupos sociopolíticos, mas também do gênero da autoajuda e mesmo do entretenimento tido como “saudável” e “pedagógico” (GRIJÓ, 2008).

Por outro lado, sob a perspectiva dos biógrafos, há muito a ganhar. Atualmente, os especialistas no ofício – é comum encontrar entre eles jornalistas sem Redação, que produzem sob encomenda para o mercado – são retribuídos tanto com os rendimentos econômicos de seus produtos, pois já se operou uma relativa mercantilização da cultura letrada no país que é lucrativa para certos tipos de produções, quanto com ganhos simbólicos, como reforço de certas posições no mundo dos letrados regulado e consagrado pela mídia empresarial – um convite para o programa Roda Vida é um ganho e tanto. Anteriormente, quando os lucros financeiros não eram tão compensadores, com mais frequência era comum que bons empregos

ou boas graças poderiam retornar para os autores de biografias bem recebidas pelos seus interessados.

Mesmo no mundo acadêmico, a escrita biográfica, independentemente de sua qualidade propriamente heurística, pois há excelentes biografias, eu prefiro chamar de estudos de trajetórias sociais, que efetivamente aportam ganhos para o conhecimento, pode trazer bons retornos aos autores na forma da aceitação entre os pares e como uma forma de, dependendo do caso, fazer sair para fora da academia o que nela é produzido. Alguns historiadores de profissão e formação têm se destacado, inclusive, atuando no mercado de venda de “presentes de Natal” (BOURDIEU; CHARTIER, 2006), competindo com os jornalistas, principalmente. Biografias têm sido um produto interessante nesse sentido.⁴

Essas reflexões me acompanharam, desde a pesquisa para o mestrado, como uma crítica documental, pois, mesmo que eu não tenha escrito nenhuma biografia, nem era esse meu objetivo, muito do material consultado e utilizado como fonte naquele projeto era do tipo histórias de vidas: biografias, memórias, relatos e depoimentos publicados. Daí a necessidade de um aprofundamento na questão, o que inevitável e felizmente me levou às análises de Pierre Bourdieu, em especial em seu artigo, então, meados da década de 1990, não tão conhecido, “*L’illusion biographique*” (BOURDIEU, 1986), traduzido depois como “A ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996). Já me aprofundei a respeito dessa problemática em outros textos (GRIJÓ, 2019a, 2017b, 2008), portanto, quero aqui apenas ressaltar alguns

⁴ Com a licença para uma nota pessoal, certa vez, faz alguns anos, circulando por um supermercado bastante popular de minha cidade, Porto Alegre, encontrei em um balaio promocional, em meio a vários livros de autoajuda, religiosos, místicos, esotéricos, um exemplar da biografia de uma “figura” histórica brasileira central no século XIX escrito por um importante, conhecido e reconhecido professor doutor de história de uma das melhores universidades do país.

aspectos que julgo importantes para tratar da relação entre Getúlio Vargas e as biografias.

O sociólogo francês sustenta que a apropriação acadêmica da biografia é um “contrabando” e procura destrinchar os princípios que norteiam a produção biográfica, inclusive para marcar o distanciamento entre ela e a produção de conhecimento. Para Bourdieu, ao contrário de considerar que uma vida só tem sentido lógico e sociológico se abordada desde uma perspectiva que a situe nos mais diferentes espaços de circulação e de possibilidades herdadas e realizadas, enfim, que seja vista como essencialmente relacional, relativa e contingente, as histórias de vidas costumam entender uma vida como um acúmulo realizado em um determinado percurso linear cronológico centrado na presumível unidade nominal de um sujeito para o qual se busca atribuir um senso ou sentido. São construídas a partir de um *télos*, um fim, que é também a finalidade e a essência da vida considerada, vinculado a uma origem ou começo que o contém. Trata-se do que eu chamei de lógica baseada no referencial *arché/télos*: uma lógica circular que aponta para que uma vida seja ontológica e essencialmente marcada pelo seu resultado como consequência de uma natureza fixada desde a origem substancializada (GRIJÓ, 2008). Paradoxalmente, por mais que as biografias costumem se organizar como narrativas cronológicas, o tempo, nem como descontinuidades relativas, nem mesmo como processo, é o que menos elas levam em conta, pois ele é achata-do, preso, pela lógica circular *arché/télos*, se transformando em um “sempre constante”, como uma “era” ou o “tempo” de algum notável. Isso fica mais evidente em casos de notáveis da estatura de um Getúlio Vargas, quando não é difícil encontrar referências à “era Vargas” ou ao “tempo de Vargas”.

Nesse ponto, trago dois casos específicos para aprofundar estas considerações. Paralelamente e para efeito de comparação, quero me deter na biografia apologetica de André Carrazzoni (1939) e no

primeiro livro do enorme estudo biográfico demonizante em três volumes de Affonso Henriques (1967; 1966; 1961)⁵, os quais discuti introdutoriamente em trabalho anterior (GRIJÓ, 2019a), mas desenvolvo melhor aqui.

O livro de Carrazzoni é uma apologia a Getúlio Vargas. O autor era um conterrâneo sul-rio-grandense também nascido em uma cidade da fronteira. Coursou a Faculdade de Direito de São Paulo, abandonando o curso e indo trabalhar em diversos jornais e periódicos. Foi diretor do *Correio do Povo* em Porto Alegre e de outros jornais no Rio de Janeiro e em São Paulo, publicando vários livros com caráter histórico-memorialístico ou biográfico. Colaborou com o Estado Novo e depois exerceu cargos públicos no governo Vargas da década de 1950 e no governo João Goulart até o golpe de 1964 (CARRAZZONI, 2010).

Affonso Henriques, por sua vez, era paulista e fora um entusiasmado, segundo ele mesmo, adepto da “Revolução de 1930”, que Getúlio Vargas trairia. Escreveu um volume publicado em 1961 denominado “Vargas, o maquiavélico”. Não se trata exatamente de uma biografia no sentido mais clássico, mas de uma espécie de costura biográfica a partir da reprodução de material de terceiros (depoimentos, matérias de jornais, discursos, documentos citação bibliográficas). Na orelha do primeiro livro, Henriques é descrito como “contador, economista, técnico em ciências administrativas e finanças, escritor, jornalista e poliglota” (HENRIQUES, 1961). Fora, com efeito, um contador e funcionário público no Rio de Janeiro e, eventualmente, se tornou tesoureiro da Aliança Nacional Libertadora, depois de apoiar a revolta constitucionalista de 1932. Passou alguns meses preso quando da dissolução da agremiação, até que, em 1941, foi enviado para os Estados Unidos como representante do Sindicato dos Contabilistas,

⁵ Para a análise aqui proposta, vou utilizar apenas o grande volume inicial da trilogia de Henriques sobre Vargas de 1961, cujo título é “Vargas, o maquiavélico”. O material nele contido é suficiente para sustentar os argumentos desenvolvidos.

a fim de participar de um congresso em Nova York. Por lá ficou, conseguindo emprego de tradutor na Secretaria de Relações Exteriores em Washington. Foi então que teria se dedicado à elaboração de sua “obra” sobre Vargas, aproveitando-se de documentos, livros e exemplares de periódicos brasileiros que encontrara na Biblioteca do Congresso (POZZOBON, 2010).

Só pelas vinculações e trajetórias de Carrazzoni e de Henriques se pode imaginar qual o sentido que buscaram dar aos seus respectivos “Getúlios Vargas”. No entanto, é importante ressaltar desde o início que, independentemente dos conteúdos e intenções totalmente divergentes entre os dois, algo os aproxima em essência. Na apologia ou na detração, a lógica da composição biográfica não se altera. Se, por um lado, para Carrazzoni (1939, p. 8-9)⁶:

Há uma sabedoria suprema, que consiste em descobrir e fixar, na confusão dos fatos, as correntes profundas da inspiração e da vontade de um povo. Quem as revela e, ao mesmo passo, as conduz, possui a alma de chefe, de grande chefe. A predestinação de Getúlio Vargas está nessa sabedoria suprema. Elegeu-o o destino. A eleição patenteia-se na sua capacidade de agir como instrumento daquela inspiração coletiva. Numa fórmula admirável, a intuição e a lucidez coexistem: desde o momento em que compreendeu o seu destino, Getúlio Vargas tirou, do que parece ser estático ou imutável no destino, as razões dinâmicas de sua missão histórica. A virtude de César, capitão invencível e organizador político genial, é a sua habilidade para aproveitar todos os favores da fortuna. É o que aprendemos nas páginas de Lucano.

⁶ Os livros de Carrazzoni e Henriques, citados aqui desde edições antigas, evidentemente não estão de acordo com as regras ortográficas atualmente vigentes. Tomei a liberdade de atualizar apenas a ortografia, mantendo os estilos intactos.

Por outro lado, para Henriques (1961, p. XXI):

Assim foi que o Brasil [...] entregava todos os poderes a um único indivíduo, com um passado político duvidoso, sem capacidade administrativa e conhecido, em sua própria terra natal, pelas suas artimanhas e golpes políticos pouco recomendáveis. Não tardou verificarmos a extensão do nosso erro. E, conosco, a grande maioria dos principais próceres da Aliança Liberal, que colocaram o sr. Getúlio Vargas no poder. Em 1932, por ocasião da Revolução Constitucionalista de São Paulo, já nos achávamos conspirando e lutando contra a ditadura negreganda. Se a implantação de uma ditadura não é coisa fácil, a sua derrubada é difícilíssima, uma vez que o patrimônio nacional tenha caído em mãos do déspota e este passe a usá-lo como arma de suborno. E assim foi que o caudilho de São Borja permaneceu no poder de 1930 a 1954, quase um quarto de século, com uma pequena interrupção no quadriênio do General Dutra. Depois de arrasar as finanças públicas, corromper o país até a medula dos ossos, reduzir o padrão de vida do povo a uma situação de extrema miséria, o ditador, premido pelos próprios erros, suicidou-se.

Quem busca encontrar um Getúlio Vargas de carne e osso terá de encontrar outras fontes, pois não vai encontrá-lo nem em Carrazzoni, nem em Henriques. Vai se deparar, porém, com dois trabalhos de essencialização, de ereção monumental.⁷ Um, para a glória eterna, outro, para a danação não menos duradoura. No entanto, o conteúdo ou o objetivo da construção pouco importa para o que aqui se quer ressaltar. O que está em jogo nos dois casos é a ilusão biográfica a serviço de trabalhos de mistificação, visando

⁷ O prefácio do livro de Henriques, de sua própria autoria, carrega o título de “mensagem ao povo brasileiro”, o qual prenuncia seu conteúdo cheio de pretensas lições.

interferir, de um modo ou de outro⁸, no mundo das representações sociais e políticas, mobilização, formação ou reforço de grupos e busca de sentidos para eles e suas lutas. Isso fica ainda mais claro se tomarmos a noção circular da lógica *arché/télos* contida em ambas as representações.

É sabido e consabido que Vargas era oriundo do interior do Rio Grande do Sul, de uma região de fronteiras, nascido em um grupo familiar relativamente abastado, muito para os padrões regionais, que contava com vários membros que participaram, inclusive de armas na mão, do processo de conquista da terra e demarcação de limites naquele mundo escravista, patriarcal e marcial, historicamente, disputado e conflituoso. Daí a representação urdida a respeito da região como um todo que tendeu a valorizar qualidades masculinas e guerreiras, embora simples, pouco cultivadas e até mesmo toscas, tais como virilidade, macheza e uma concepção bastante rígida da honra pessoal e familiar (GRIJÓ, 2019b; 2012). Seu pai, Manoel Vargas, atingira altos escalões militares por serviços prestados, tendo participado da Guerra do Paraguai e da revolta federalista. Sua mãe vinha de um grupo de proprietários de terra ainda mais assentado e respeitado localmente. O ambiente fronteiriço e a posição social do grupo familiar influenciariam a primeira formação de Getúlio, e isso é algo universalmente aceito. Essa mesma evidência passa a ser apropriada de maneira diversa, embora com base no mesmo princípio de apropriação.

Henriques (1961) inicia o seu empreendimento com um capítulo que se chama “Traços biográficos de Vargas”. Alguns de seus subitens são denominados: “Inferioridade física de Vargas”; “Golpismo e despistamento”; “Incongruências”; “Comodismo”; “Violência, traço

⁸ Carrazzoni escreveu e publicou enquanto Getúlio Vargas não só era vivo como também estava no auge de seu poder, buscando atuar, portanto, no e para o momento mesmo dos trabalhos mais intensos de legitimação de seu governo. Já Henriques escreveu, ou ao menos publicou, anos depois da morte de Vargas, tentando atuar sobre o seu “legado” e no contexto das lutas contra e a favor dele.

característico dos Vargas”; “A ingratidão de Vargas a seus amigos”; “Vargas, um infeliz”, item que encerra o capítulo. Só pela sequência dos títulos arrolados já se pode ter uma noção do conteúdo desenvolvido. Interessa agora, porém, o aspecto ligado à infância e à juventude do biografado.

Vargas teve uma das suas maiores decepções na vida. O seu sonho de ser um Bonaparte, de ser um herói nacional, desmoronava-se irremissivelmente. Ademais, antes de se desligar da escola [militar], escrevia cartas à família em que revelava as grandes dificuldades que encontrava nos estudos, chegando numa delas a declarar que esperava ser “rodado” nos próximos exames. Outro motivo de desencanto de Getúlio Vargas foi o seu físico. Esperava ele ser um homem alto, esbelto e musculoso, com características marciais dos militares de estirpe, mas a natureza ingrata deu-lhe um corpo baixote, com fortes tendências à obesidade, características que mais tarde se confirmaram integralmente tornando-o o “barrigudinho”, o “xuxu” [sic] das massas populares, rechonchudo, deselegante e vagaroso no andar, ainda mais agravado com um ligeiro capengar. Nascido num Estado onde a estatura média é uma das mais elevadas do Brasil, Getúlio Vargas sentia-se como que amesquinhado, humilhado, e, como tal, um ente humano intimamente revoltado contra a humanidade (HENRIQUES, 1961, p. 4).

A constatação dessa espécie de trauma serve de brecha para o autor introduzir no texto a opinião de um “psiquiatra brasileiro”, Cláudio de Araújo Lima, que escreveu o livro *Mito e realidade de Vargas*. O “doutor” citado por Henriques defende que Getúlio, em função de sua pretensa inferioridade física, jamais superaria esse “drama”, pelo que, 1930, marcaria a sua “primeira grande desforra”. Como, em função de

suas limitações físicas e intelectuais, não pudera virar oficial militar, sua escalada ao poder marcaria a realização “indireta” do “sonho” de ser uma “figura marcial e impressionante” (HENRIQUES, 1961, p. 5). Não está dito com todas as letras, mas é evidente que Henriques se apropria da tradição marcial da província natal de Getúlio Vargas e a contrasta com sua supostamente débil figura física e com seus problemáticos dotes intelectuais, construindo a figura de um recalcado que, por mecanismos de compensação baseados em desídia, esperteza, engodo e oportunismo, fez uma carreira dedicada pura e simples à desforra. Por contraste, o fato de ser originário do Sul e da fronteira seria para ele um dos grandes motivos para a formação desse recalque, pois, diferentemente de seus conterrâneos mais bem nutridos e fornidos, Getúlio era “baixo”, “obeso” e “manco”.

Uma interpretação bem diferente é elaborada por Carrazzoni (1939, p. 25; 33-34):

O coronel [Manoel] Vargas não descurava a educação e a instrução dos filhos. Sabiam atirar o laço, carnear a rês, montar o potro bravio, galopar, na planície, como os cossacos, eram, enfim, mestres nos prodígios equestres da sua raça. Isso não bastava, porém. Nenhuma família, emergindo da estirpe que formou a aristocracia rural sul-rio-grandense, deixava de enviar os filhos para os estudos superiores em Porto Alegre, Rio, S. Paulo ou Ouro Preto. Viriato e Protásio já se achavam naquela cidade mineira [...]. Em 1897, [Getúlio] vai reunir-se aos irmãos. [...] Sopra o minuano. [...] Seco e salubre, enrijece os homens do Sul, modelando-os na vigorosa resistência à agrestia da vida ao ar livre, nos dias de inverno. Sua influência não pode ser comparada à do siroco ou do mistral, ventos que, nas regiões por eles varridas, produzem distúrbios psíquicos, geradores de suicídios e crimes. Longe de deprimir e per-

turbar, como um vento de loucura ou delírio, o minuano robustece os músculos e endurece a vontade.

Enquanto a infância e juventude de Getúlio no meio fronteiriço era para Henriques motivo de recalque, para Carrazzoni ajudou a formar os seus excepcionais caráter e inteligência. Desde um naturalismo espontaneísta, ele cria um Getúlio Vargas perfeitamente ajustado ao meio, cujas características relativamente duras e agrestes com respeito ao clima e o intelectualmente desafiador ambiente familiar seriam totalmente favoráveis ao desenvolvimento do físico, da inteligência e dos valores, auxiliando na modelagem do futuro presidente da República. Quanto a esse aspecto, note-se que o futuro brilhante do menino, desde muito cedo, era vaticinado por nada mais nada menos do que José Gomes Pinheiro Machado, “amigo” e companheiro de partido político de seu pai. Em uma das tantas palestras entre os dois, certa feita, na casa de Manoel Vargas, Pinheiro teria dito: “Vargas: este menino irá muito longe. Quem sabe se não estará aqui um dos futuros chefes da República que ora nos preocupa?” (CARRAZZONI, 1939, p. 20).

Enfim, para Carrazzoni, o presidente Vargas que está contido em Getúlio desde a mais tenra infância passada na fronteira comporta qualidades positivas variadas, como coragem, temperança, vitalidade, virilidade, inteligência, retidão e coerência. Para Henriques, a mesma condição comporta qualidades negativas, como debilidade física e mental, sordidez, esperteza, sagacidade, recalque, traição e assim por diante. Como fica claro na análise desse material, o modo de produção de ambos os “Getúlios” contraditórios quanto aos conteúdos de suas personalidades, características e sentidos de suas ações é exatamente o mesmo. A história de vida posta por escrito a serviço da monumentalização positivada ou negativada aparece claramente desde a lógica circular do referencial *arché/télos* que caracteriza a produção biográfica.

Paul Frischauer e o Getúlio Vargas salvador da pátria

Dentre as tantas biografias sobre Getúlio Vargas, uma das mais paradigmáticas no sentido da consubstanciação de uma vida em monumento talvez seja a de Paul Frischauer. Segundo as informações recolhidas por Izabela Kestler (2003), trata-se de um escritor austríaco de provável ascendência judaica e convertido ao catolicismo. Seus pais morreram em um campo de concentração no período de dominação nazista. Em 1934, radicou-se na Inglaterra, onde passou a trabalhar na BBC e vinculou-se a um movimento de exilados austríacos de inspiração socialista. Kestler (2003) aponta que, comumente, Frischauer é qualificado como um escritor de segunda linha, embora parece ter tido algum sucesso no ofício publicando romances históricos, então muito populares. Ela ainda o qualifica como pouco talentoso e “oportunista”. Em 1940, veio ao Brasil “a convite do famigerado DIP [...] da ditadura Vargas. Recebeu então a incumbência de escrever uma biografia elogiosa de Vargas, que foi a seguir publicada em português, francês e espanhol” (KESTLER, 2003, p. 101). Na avaliação de Kestler (2003), a biografia do “ditador” Getúlio Vargas produzida por Frischauer se encaixava na política estado-novista do início dos anos 1940 de tentar “vender uma nova imagem [do regime]. Ao apresentar Vargas como um lutador pela liberdade e um presidente dedicado aos ideais do pan-americanismo, o autor se esforça para que seja esquecida sua longa colaboração com os nazistas e fascistas” (KESTLER, 2003, p. 101). Vargas apareceria na biografia chapa-branca de Frischauer como um líder forte, cujo regime politicamente mais fechado que capitaneava fora necessário para esmagar tanto o comunismo, de resto militarmente derrotado em 1935, quando o próprio fascismo, também derrotado na tentativa de golpe integralista em 1938. Isso vinha a calhar no momento em que o Brasil se aproximava politicamente dos Estados Unidos e dos Aliados, afastando-se dos países do Eixo, após anos de relativa

indefinição quanto a uma adesão mais clara a um ou outro dos lados em conflito militar desde 1939.

O caráter encomendado da “obra” parece certo. Em uma carta-bilhete de sua filha Alzira, escrita em papel timbrado da Presidência com o brasão da República, Getúlio Vargas foi informado das impressões que ela tivera ao ler os originais, inclusive contendo sugestões de correções ao texto. Entre outras coisas, se pode ler no bilhete: “pg 64 – a entrada de B. Torres⁹ na história convém que leia estas duas páginas para ver se podem continuar assim, pois meus conhecimentos do assunto não permitem q. me aprofunde muito” (CARTA DE ALZIRA..., 1943).¹⁰ O documento é bastante curto, com apenas duas páginas manuscritas e seis observações com referência às páginas anotadas por Alzira, o que pode indicar que Frischauer realizou um “bom trabalho”, conforme a encomenda, pela exiguidade das observações críticas. Enfim, Alzira anotou nos originais as poucas partes que julgou merecerem especial atenção do pai, inclusive indicando possíveis correções. No entanto, em geral, ela parece ter ficado

⁹ Fartamente referido nas biografias e memórias sobre Vargas, muito resumidamente, o caso da morte de Benjamim Torres, ocorrida em março de 1915, se deu em um contexto de disputas político-partidárias entre facções são-borjenses e entre o grupo familiar dos Vargas e Borges de Medeiros, presidente do estado do Rio Grande do Sul. No plano estadual, estava em jogo a afirmação da liderança de Medeiros e em São Borja estava em jogo a passagem da liderança local do patriarca da família, Manoel Vargas, para o seu primogênito, Viriato Vargas. Uma das versões, a mais aceita nas memórias e biografias partidárias ou simpáticas aos Vargas, conta que Torres fora muito chegado à família. Mineiro, instalou-se na cidade a convite do próprio Manoel Vargas, mas com o tempo ele foi se afastando dos antigos benfeitores, bandeando-se para uma facção política adversária. Nesse contexto, acabou Torres sendo assassinado em pleno centro da cidade. O governo do estado interviu, deslocando tropas da Brigada Militar para São Borja e nomeando um delegado de polícia de Porto Alegre para acompanhar o caso. Viriato chegou a ser apontado como o mandante do crime, tendo inclusive de fugir para a Argentina. Outra versão aponta ainda que as diferenças entre Viriato e Benjamim se deram acessória ou principalmente por razões passionais, uma vez que o primeiro fazia investidas amorosas sobre a esposa do segundo. Por fim, Viriato livrou-se de sanções legais, ainda mais que a família voltava às graças de Borges de Medeiros muito pela atuação de Getúlio, que serviu de mediador entre ambos. De qualquer modo, tratava-se de um caso bastante delicado para o grupo familiar como um todo (GRIJÓ, 2017a).

¹⁰ O mesmo expediente apontado na nota 2 acima foi utilizado na transcrição dos documentos citados.

satisfeita com o resultado: “O mais pareceu-me em ordem no q. se refere à família. Quanto à parte histórica anterior e à redação não corre por minha conta, por isso não examinei” (CARTA DE ALZIRA..., 1943).

Mesmo que, ao que tudo indica, tenha sido um trabalho de encomenda, o que também fica claro pelas franquias dadas ao autor no acesso a pessoas do grupo familiar dos Vargas e a conhecidos muito próximos¹¹, isso não significou que certas desconfianças não tenham sido levantadas por pessoas muito chegadas a Getúlio. Em uma carta de Protásio Vargas escrita de São Borja, o irmão não esconde uma profunda preocupação com a presença do escritor estrangeiro na cidade. Segundo Protásio, o caso da morte de Benjamim Torres parece ter despertado certa curiosidade no biógrafo. Como uma providência tomada, ele informa que nas incursões de Frischauer pela “cidade entreguei-o ao Darci, que o acompanhou sempre, procurando conduzir suas observações” (CARTA DE PROTÁSIO..., 1941). Ele ainda argumentou:

Não quero que vejas nesta carta, só para o teu governo, senão a intenção honesta que a anima, isto é, evitar que um estrangeiro, por mais ilustre que seja, possa ser induzido, por um interesse egoísta, inconscientemente a fracassar, com graves prejuízos para terceiros e para ti próprio, interpretando mal uma personalidade e modificando a fisionomia histórica de uma época. Estou informado por intermédio da Floriana que ele tem relações íntimas, até família, aí e que já comprou um sítio.

¹¹ Ao longo da biografia, Frischauer (1944) relata encontros e entrevistas com familiares de Getúlio Vargas, desde o pai, Manoel Vargas, até os irmãos e o sobrinho Vargas Neto, de quem parece ter se aproximando mais estreitamente. André Carrazzoni, de cuja biografia de Vargas tratei acima, também foi um informante destacado e, mais, um “amigo”.

Aqui todas as pessoas que entendeu ouvir não poderiam dizer senão coisas elogiosas a ti e a nós outros. Se alguma entrelinha ouve, já poderás ver que não nos coube culpa (CARTA DE PROTÁSIO..., 1941).

Em outras palavras, Protásio adverte o irmão de que não seria pela falta de vigilância e cuidados da parte da família que permanecia em São Borja que eventuais conteúdos inapropriados acabassem fazendo parte da “obra” biográfica. Pena de aluguel ou não, todo cuidado parecia ser pouco para os Vargas quanto ao controle dos resultados do trabalho do escritor estrangeiro, especialmente quanto a questões delicadas como a da morte de Torres. Frischauer estava cumprindo uma tarefa rigorosamente vigiado por pessoas da mais estrita confiança de Getúlio Vargas, entre elas, seu irmão Protásio e sua filha Alzira.

Como é fartamente conhecido e estudado na literatura acadêmica, diversos órgãos e agentes do Estado Novo, especialmente o DIP, exerceram um papel importantíssimo na legitimação simbólico-institucional do regime então implantado. Se, por um lado, realizava-se todo um esforço de propaganda massificada, dirigida ao público em geral, como no caso analisado por Angela de Castro Gomes (2003) relativo à confecção do calendário de 1940, o que se relacionava com a pretensão do regime de, inclusive, interferir na programação do tempo e na cronologia também preocupava a sua imagem externa, internacional, assim como sua adesão ou simpatia entre membros de elites culturalmente melhor habilitados.¹²

O empreendimento biográfico de Frischauer entra nessa linha geral de políticas governamentais voltadas para a propaganda, sendo que não foi o primeiro do tipo. Segundo Angela de Castro Gomes (2003), para as comemorações dos 10 anos de governo de Getúlio Vargas em 1940, além da confecção do calendário citado

¹² Entre outros, ver diversos artigos compilados em Gomes (2000) e Bomeny (2001).

e de outras ações, se pode incluir a publicação do livro *Getúlio Vargas: estadista*, uma biografia apologética do presidente lançada em 1941 escrita por Azevedo Amaral, um dos maiores ideólogos do pensamento autoritário no país, que, depois, faria parte do corpo editorial da revista editada pelo DIP, *Cultura Política*, a qual serviu de meio aglutinador para muitos intelectuais da época. Propaganda política não serve apenas para tentar influenciar as “massas”, mas também para disputar representações mais sofisticadas nos círculos culturalmente elevados, como no mundo internacional no qual circulam os “estadistas”, “homens de governo”, jornalistas e gentes de letras.

Com efeito, desde o início de sua “obra”, Frischauer (1944, p. 11-12) parece ter como interlocutor privilegiado esses tipos de pessoas:

Ignoro ser necessário um documento irrefutável para os convencer – assim como a alguns políticos e publicistas europeus e norte-americanos, de tendências esquerdista – de que Getúlio Vargas, com risco da própria vida (e mais eficazmente), conseguiu levar avante, no Brasil, a luta contra o nacional-socialismo, enquanto eles permaneciam firmes em o atacarem sem, ao menos, inquirir se tal atitude era ou não justificada.

Enquanto empreendimento biográfico em si, Frischauer produziu um livro quase exemplar. Segundo sua tese central de que Getúlio Vargas era um campeão das liberdades na luta, ao mesmo tempo, contra o nazifascismo e o comunismo, o chefe do Estado Novo estava contido no menino de São Borja. Novamente, o mundo fronteiro e o ambiente familiar são convocados para conformar o presidente:

Com os “peões” e os dois irmãos mais velhos, Viriato e Protásio, já aos cinco anos de idade cavalgava o jovem Getúlio de um para outro campo, através das planícies. Adquiriu, assim, o porte do gaúcho e o sentimento de responsabilidade natural no guardião de rebanhos. A vida simples e tranquila das estâncias acentuou, desde cedo, a calma imperturbável que caracteriza Getúlio e não o abandona, mesmo nas situações mais difíceis. Ensinou-lhe também a paciência. Queira ou não, o homem do campo tem de esperar e aprender a esperar, até que a natureza cumpra suas determinações. [...] Quem cedo tem ocasião de ver, aprender e compreender isso, sabe que toda pressa é desperdício e inutilidade. Na fazenda, o proprietário é o senhor absoluto. Um elo patriarcal liga pais e filhos, fazendeiro e empregados. O curso da vida, na fazenda, está sujeito ao seu arbítrio. Ele é a encarnação da autoridade. E do tempo ainda, em que a do Estado era substituída ou representada, no campo, pelo fazendeiro, provém o sentimento de solidariedade que o liga a seus empregados e ex-escravos, e estes a ele. É uma solidariedade que se gera do mesmo instinto de conservação, da defesa coletiva da existência, pela deriva a igualdade fraternal que (por mais paradoxal que pareça), apesar do incontestado predomínio do fazendeiro, é a condição e a necessidade vital de todo o gaúcho, mesmo do mais pobre (FRISCHAUER, 1944, p. 33-34).

Não somente o homem Getúlio Vargas está adstrito a tais origens, *arché*, elas também dão sentido à própria estrutura institucional do Estado Novo como um estado forte desde as particulares visões e formação de seu chefe. Tais reflexões que iniciam o escrito de Frischauer se completam no final do livro, como final da história, que encerra o círculo teleológico de dação de sentido tanto ao biografado quanto à sua “obra”: o Estado Novo, ponto culminante das histórias de ambos, histórias indissociáveis, cujos destinos e desígnios estavam prescritos desde o início.

Além das influências da região e da família, outra “influência de juventude” é convocada como fator explicativo das ações de Getúlio. Júlio de Castilhos, e não Borges de Medeiros, no texto mergulhado na lama difusa do domínio oligárquico que Getúlio Vargas veio sepultar e superar, aparece como grande referência. Getúlio teria sido “castilhista”, tanto por herança paterna quanto por opção, “quando estudante, jornalista e deputado à Câmara Estadual rio-grandense” (FRISCHAUER, 1944, p. 36). Castilhos é apresentado como um grande construtor de instituições. O seu conjunto de leis e a Constituição dita castilhista do Rio Grande do Sul de 1891 seriam resultado da “fórmula: ‘os mais amplos poderes de governo ao Presidente do Estado, com a salvaguarda simultânea da mais ampla liberdade individual do cidadão’” (FRISCHAUER, 1944, p. 36).

Em uma interpretação atribuída ao biógrafo de Castilhos, Otelo Rosa, e ratificada pelo biógrafo de Getúlio Vargas, é posto em questão o caráter ditatorial da Constituição castilhista. O termo é simplesmente evitado para que fique ressaltado que se tratava de uma ordem política “excepcional [como na situação] de Clemenceau e Lloyd George, durante a guerra mundial de 1914 e à de Churchill, Roosevelt e Getúlio Vargas, atualmente” (FRISCHAUER, 1944, p. 85). “Governos fortes” apareceriam como uma necessidade incontornável para os estados em tempos de emergências – guerras, conflitos internos. Nesses casos, ao “guia do Estado” deveriam ser dados “os mais amplos poderes de governo [...] – com a salvaguarda simultânea da mais ampla liberdade individual do cidadão” (FRISCHAUER, 1944, p. 86). Essa mesma sentença é repetida ao final do livro, fechando o círculo teleológico. O Estado Novo, acusado por muitos de ser uma ditadura fascistoide, seria na verdade o resultado da ação de um líder excepcional, cuja formação e discernimento o colocavam a serviço do Estado, como fizera Castilhos antes dele e fazia Churchill contemporaneamente a ele. Castilhos salvara o seu estado da desa-

gregação pela guerra civil, enquanto Vargas salvava o Brasil de cair nas mãos do nazifascismo e do comunismo. Ao invés de ditaduras, “governos fortes” que supostamente salvaguardavam as “liberdades individuais”.

A discussão sobre a aproximação entre ditadura e Getúlio Vargas aparece em outra passagem. Tentando responder à questão, segundo Frischauer (1944), levantada na “imprensa mundial”, de que Getúlio seria um ditador, afirma o austríaco nada ter encontrado na documentação que pudesse fazer crer que Vargas estivesse tramando a instalação de uma ditadura no Brasil, mesmo durante o Governo Provisório pós-1930. Prova disso é que ele mesmo abriu o processo constitucional, independentemente do movimento constitucionalista de 1932 (FRISCHAUER, 1944).

Como regra, as qualidades de Getúlio Vargas são constantemente ressaltadas. Menino campeão, orador e líder em sua turma de faculdade, não escapou a Frischauer o vaticínio de Pinheiro Machado quando analisada a biografia feita por Carrazzoni. Getúlio Vargas era um observador nato, e a constância de sua letra ao longo dos anos “é testemunho de uma natureza já formada, já cunhada em sua juventude; é prova de que seu caráter não mudou” (FRISCHAUER, 1944, p. 101). Ademais, alguns costumavam apresentar “‘Getúlio [...] como a encarnação de uma natureza quase glacial’. ‘Tolice’, retorquiu o professor Godoy; ‘já disse que ele não é um entusiasta, não transborda, mas é um homem bom, generoso, cheio de humanidade’” (FRISCHAUER, 1944, p. 102). O biógrafo salienta que, citando depoimentos de ex-colegas e amigos de juventude de Getúlio a respeito de suas qualidades,

já aos vinte e quatro anos, possuía ele uma das qualidades mais importantes do homem de Estado, que constitui, mesmo a base de sua sabedoria: a faculdade de distribuir por setores os seus conhecimentos, ou de organizar sua capaci-

dade intelectual de tal modo que, sem prejuízo do conjunto, possa ocupar-se dos mais diferentes campos da cultura bem limitados um do outro, justamente como acontece aos governantes, a cuja função administrativa cabe deliberar, com os diversos ministros, sucessivamente, sobre os assuntos da respectiva competência (FRISCHAUER, 1944, p. 106).

Seguramente, não é para qualquer um ter desde muito cedo as qualidades de um homem de Estado. Além disso, Getúlio faria um bom casamento, com uma moça “de família”, educada por “professoras dos melhores pensionatos de moças de Buenos Aires” (FRISCHAUER, 1944, p. 143), especialmente contratadas. Ainda em São Borja,

o “conhecimento dos homens”, em que se aperfeiçoou; a sua aplicação do microcosmo ao macrocosmo das mesquinhas relações de política partidária ao vasto mundo da política internacional, deram-me a primeira resposta à pergunta sobre o que tornou possível sua extraordinária carreira (FRISCHAUER, 1944, p. 167).

Enfim, não vou multiplicar as citações que caminham todas no sentido de exaltar as qualidades de Getúlio Vargas, colocando-o sempre ao centro de acontecimentos importantes dos quais se torna um dos, senão o principal, protagonista. A história, seja em qual plano for, na paroquial São Borja ou no efervescente Rio de Janeiro, não somente passa por Getúlio, ele a faz. O devir histórico está ligado, indelevelmente, à pessoa de Getúlio Vargas, o próprio homem-História.

Os informantes – cujas obras eu li ou que interroguei, pessoalmente – mesmo combatendo-se e contradizendo-se, uns aos outros, em questões de princípios ou descrição de pormenores, concordaram, porém, num ponto: amigos

ou inimigos, não lhes foi possível apurar se Getúlio Vargas desejou a revolução. Ou deixou que os acontecimentos o levassem, “colocando-se à frente destes para guiá-los”. Através do estudo imparcial da personalidade de Getúlio e da análise dos fatos e documentos, cheguei à conclusão de que não lhe escapou nenhum pormenor dos preparativos da revolução, apesar de não se decidir, mesmo quando estes estavam em sua fase avançada, a fixar-lhe a data em que devia irromper (FRISCHAUER, 1944, p. 254).

É interessante nessa passagem, além da busca do protagonismo de Vargas, a marca de enunciação “estudo imparcial”. Ao longo do texto, são constantes as marcas semelhantes que tentam dar credibilidade ao relato. Comuns em narrativas desde os seus primórdios, quando deixaram de ser sustentadas pela palavra eficaz das divindades (HARTOG, 1980), tais marcas de enunciação se tornam essenciais, especialmente em um empreendimento biográfico desse tipo. Ou se acredita na pessoa que narra, no sentido de que o que escreve é “verdadeiro”, ou não. Ao contrário dos sistemas regrados de produção do conhecimento, que garantem seu “estatuto de verdade” por meio de teorias e conceitos, métodos claros, fontes recuperáveis e checáveis, avaliações dos pares, um trabalho que se sustenta no nome e na palavra de seu autor precisa estar a todo o momento tentando marcar sua credibilidade. Nas poucas linhas, bem no começo do texto, que Frischauer (1944, p. 7-8) dedica a fontes e método, fica claro que é em sua pessoa que se deve confiar:

Para responder às inumeráveis perguntas e reforçar ou desfazer as muitas dúvidas, inquiri, tanto quanto me foi possível, formuladores de perguntas e levantadores de dúvidas. A biografia de uma personalidade do passado pode basear-se em documentos; a de um vivo, porém, deve, além

disso, estribar-se em depoimentos de testemunhas. É uma espécie de julgamento diante do tribunal do júri assumindo o leitor o papel de jurado, e o autor, forçosamente, o de juiz que submete aos jurados o quesito de inocência ou culpabilidade. Citei, para deporem, testemunhas de todas as fases da vida de Getúlio Vargas, desde sua mais tenra infância até a posição atual, escolhidas nas mais diversas classes sociais, fossem adeptos ou adversários. Menciono-lhes o nome e sobrenome – quer se trate do pequeno burguês da longínqua cidadezinha natal de Getúlio Vargas, quer de ministros embaixadores e governadores de Estado – para conferir a seus depoimentos valor documental. Foram, alguns deles, testemunhas voluntárias; outros involuntárias.

O crédito é aqui afeiçoado por nomes: a unidade nominal do sujeito biografado; o “bom nome e conceito”, a reputação, do autor-juiz; e as referências aos nomes completos dos informantes consultados para efeitos de verdade. É um jogo de creditar por acreditar, que é exatamente o mesmo movimento do descreditar por descrer. Para se escapar dessas duas alternativas que, com efeito, são uma só, a única posição possível é não entrar no jogo.

E é assim que o autor, plenamente concorde com as regras do jogo, procura se acercar do seu objeto, Getúlio Vargas, pessoalmente. Em vários momentos, faz avaliações e juízos pessoais dele, mas ao final de seu livro se encontra a passagem que coroa esse movimento. Efetivamente, Getúlio nunca foi um objeto, mas o sujeito-centro da ereção monumental. Embora um pouco longa, vale a transcrição:

Vi tudo o que me foi possível ver. Falei com quantos homens pude. Estudei tantos documentos quantos consegui obter. E, chegado ao fim do meu trabalho, numa tarde de domingo – 21 de dezembro de 1942 –, visitei o presidente do Brasil.

Esse colóquio pessoal com Getúlio Vargas forneceu-me o documento final humano e histórico, do meu livro. Lá estava eu outra vez sentado em frente desse homem agradável e atencioso e, novamente, tinha o sentimento, ainda mais intenso, desta vez, de que ele se identificava tão bem comigo quanto eu com ele. A atmosfera cordial, o bom humor cintilante com que falava dos vários problemas geraram em mim uma sensação análoga à que experimentara em nosso primeiro encontro pessoal. Cumpria-me, porém, controlar a simpatia que me inspirava, produto, talvez, da que ele me demonstrava. Nesse último colóquio era preciso que eu não me afastasse do escopo do meu trabalho; devia pôr ponto final à minha investigação documentária. E perguntei, talvez um pouco abruptamente:

– Quais são os seus planos para o futuro, quais os seus desejos pessoais?

– Eu desejo repouso – respondeu-me sorrindo, e acrescentou: – e um pouco menos de responsabilidade.

Calei-me, e ele se afastou do seu costume de aguardar que o interlocutor recomece a falar. Declarou:

– As bases para o prosseguimento da obra da construção do Brasil já estão assentadas. A educação da nova geração evitará que ela se resigne ao ambiente corrupto dos velhos políticos, que, aliás pertencem a uma geração prestes a desaparecer. Pergunta-me quais são os meus desejos pessoais: Eu só me sinto realmente bem no campo, em São Borja.

– Como vê o futuro político do Brasil?

– Quando tiver passado a situação excepcional que estamos atravessando, serão completados os órgãos legais da vida política para o funcionamento integral do regime republicano criado pela Constituição de 1937 (FRISCHAUER, 1944, p. 392-393).

O “fim do trabalho” só poderia ser esse mesmo, até porque foi sempre seu início: a busca da essência de Getúlio Vargas. Claramente, o biógrafo tenta humanizar seu personagem, para, ao mesmo tempo, sublinhar o oposto disso. O homem de ideias, ações e antecipações, que desde tenra idade estava destinado a ocupar o lugar que então ocupava, o homem-história, o poderoso chefe do Estado Novo e suas promessas de um Brasil moderno e justo é também um homem simples, um Cincinato¹³ que preferiria a vida tranquila do campo ao peso das responsabilidades que sobre ele recaíam, mas, afinal e apesar disso, está lá, a postos, cumprindo seu dever, destino e razão de ser, como Frischauer (1944) procurou mostrar nas 393 páginas anteriores. O desfecho do livro é o fecho perfeito do círculo *arché/télos*, é o corte da fita inaugural do monumento em letras de “alta cultura” que se completa com a palavra otimista do homem-guia que governava o país e, afinal, “a um homem acostumado, sempre, ao trabalho, era indiferente fazê-lo à escrivaninha do escritório de advogado, à mesa do gabinete do Presidente do Estado ou da República. Já que a sua natureza permaneceu inalterável, apenas adaptando-se às novas circunstâncias, a dimensões novas” (FRISCHAUER, 1944, p. 274). Eis o homem e além.

Ademais, não há bibliografia ou referências ao final do livro, apenas um índice alfabético remissivo. O que é citado o foi no corpo de texto e em sua maioria são excertos das palestras que o biógrafo entretive com pessoas das mais diversas “classes sociais”, “adeptos ou adversários”.

¹³ Lúcio Quíncio Cincinato foi um Consul romano do século Va.C. que, depois de ocupar magistraturas importantes, especialmente a ditadura, quando comandou os exércitos que venceram os équos, salvando a cidade de Roma, retirou-se para sua vila no campo. Transformou-se, desde a Antiguidade, no modelo do homem de Estado desprendido de ostentações e honrarias, desapegado de riquezas materiais, servidor da cidade por dever cívico, preferindo a simplicidade da vida no campo à agitação do Fórum, embora nunca se furte ao dever cívico quando requerido e necessário.

Para concluir a análise do livro de Frischauer, quero aprofundar mais um aspecto, apenas esboçado acima, pois, provavelmente, sob o ponto de vista propagandístico, seja um dos seus principais objetivos. O fato de ter sido lançado em três idiomas, sem dúvida, vem ao encontro dessa preocupação. No início da década de 1940, o Brasil pendia cada vez mais para o lado dos aliados no conflito europeu, integrando-se ao pan-americanismo capitaneado pelos Estados Unidos da América. O presumível público interlocutor de Frischauer seria o das gentes de letras dispersas pelo mundo, mas especialmente os jornalistas, os quais são citados em algumas partes do livro como interlocutores. Desde o início, Getúlio Vargas é comparado ao chanceler austríaco Engelbert Dollfuss, que, depois de fechar o parlamento, reprimiu ou perseguiu tanto comunistas quanto nazistas de inspiração alemã em seu país, até ser assassinado, em 1934, por estes últimos, apoiados pela Alemanha, durante uma tentativa frustrada de golpe de Estado. Segundo Frischauer (1944, p. 10-11),

E, assim, cheguei à seguinte conclusão: Dollfuss, em fevereiro de 1934, cerca de meio ano antes de seu assassinio pelos nacionais-socialistas, reprimira um “putsch” esquerdista; Getúlio Vargas, no ano de 1935, desbaratara um “putsch” comunista. Nos meses que seguiram a repressão do “putsch” na Áustria, foi Dollfuss, até sua morte, objeto dos ataques de uma estranha frente única, cuja misteriosa confraternização só encontrou cabal esclarecimento alguns anos mais tarde. De igual modo, a partir de 1935, foi Getúlio Vargas alvo dessa mesma frente única, em que comunistas e nacionais-socialistas se davam as mãos. Mais tarde, a 23 de agosto de 1939, confraternizaram eles publicamente, por ocasião da visita do senhor Ribbentrop a Moscou. O Dr. Goebbels valia-se de seus agentes na imprensa do Komintern para agredir os que, de vez em

quando, por motivos políticos, preferia elogiar, a fim de ganhar tempo, enquanto o assassinio não lhe parecia oportuno. Stalin tolerava que os agentes do Komintern auxiliassem o nacional-socialismo no combate a Vargas, que combatia o nacional-socialismo.

Para o biógrafo de Vargas, ele e seu regime eram de certo modo perseguidos pelo mesmo “complô” que unia comunistas e nazifascistas, todos eles contra os regimes de liberdades individuais como o de Vargas, embora regimes fortes o suficiente para afastar um e outro dos perigos citados.

Enquanto os outros povos europeus contemplavam esse espetáculo com indolente serenidade, parecia que o mundo se encontraria, cedo, sob o domínio comunista ou nacional-socialista. Que podia fazer o Brasil, para não ser levado, de roldão, pela catadupa que se originaria dessa luta? Que podia fazer Getúlio, no sentido de evitar ao país esse risco? Reforçar a solidariedade do continente americano; agir de sorte que os Estados Unidos do Brasil e os Estados Unidos da América do Norte se estendessem as mãos; fortalecer a aliança fraternal com todas as Repúblicas da América, e, *last, not least*, promover, no interior do Brasil, a maior capacidade de resistência e de coesão (FRISCHAUER, 1944, p. 312).

Foi assim que o regime de força, não uma rele “ditadura”, se fez absolutamente necessário. Na verdade, nessa representação, o governo forte e centralizado teria salvo o Brasil de se transformar em uma ditadura de fato. E o risco para o país era mesmo real, os integralistas seriam assessorados e financiados pelos nazistas e fascistas, enquanto os comunistas o seriam por Moscou, como as duas tentativas de levante (1935 e 1938) comprovavam. Por outro lado, inclusive para evitar as ações dos inimigos internos, “Getúlio

iniciou, com energia redobrada, a campanha de nacionalização dos núcleos estrangeiros do Sul do país enquistados pelos japoneses, italianos e alemães” (FRISCHAUER, 1944, p. 344-345). A todo o momento o escritor austríaco deixa a entender que se não fosse Vargas, o Brasil teria sucumbido ou ao nazifascismo, ou ao comunismo. E isso incluía um plano urdido entre Berlim, Roma e Tóquio que consistia em dividir o Brasil nas seguintes zonas de influência ou ocupação: São Paulo seria dado à Itália, o Sul seria alemão, enquanto o Mato Grosso e a Amazônia seriam japoneses. O atual Nordeste poderia ficar com os brasileiros. Antes das atitudes enérgicas de Vargas, o “Brasil semelhava uma fruta madura, que cairia no colo das potências do Eixo se o país e os seus políticos não voltassem à razão e se Getúlio Vargas não interviesse” (FRISCHAUER, 1944, p. 349).

Em uma passagem-chave, Frischauer (1944, p. 355) comenta sobre as reportagens que eram publicadas a respeito do Brasil no resto do mundo quando da instalação do Estado Novo. Elas revelariam o “surpreendente fenômeno de um mesmo homem de Estado ser objeto, por motivos embora diferentes, de críticas e censuras redigidas e influenciadas por políticos e publicistas de pontos de vista diametralmente opostos”. Os ataques a Getúlio viriam de três frentes: a “imprensa extremista da esquerda que atacava Getúlio Vargas desde a repressão do levante comunista de 1935, redobrando suas cargas quando ele promulgou a Constituição de 10 de novembro de 1937” (FRISCHAUER, 1944, p. 355); órgãos internacionais de imprensa “a serviço da ideia da Liga das Nações, que culpavam Getúlio Vargas de conservar o Brasil fora daquela Sociedade” (FRISCHAUER, 1944, p. 356), e que também atacavam Vargas por supostamente capitanear um governo fascista; e, por fim, o “terceiro centro de onde partiam as censuras [...] era formado pelo ‘espaço vital’ que surgira ao redor do conúbio político de Adolfo e Benito, legitimado pela suposta comunhão dos seus interesses” (FRISCHAUER, 1944, p. 358). O autor desmonta um a um os pontos das acusações, aproximando Vargas e o regime de

1937 dos Estados Unidos da América, pela via do pan-americanismo, e das liberdades democráticas. Afinal, “Getúlio Vargas, mediante a nova Constituição, não conduziu nem viria a conduzir a República brasileira para fora do campo das democracias” (FRISCHAUER, 1944, p. 361).

O biógrafo austríaco, muito ciente e competente de suas funções, inventa um Estado Novo ao mesmo tempo como um regime de força e centralizado, guardião das liberdades individuais e democrático. Não poderia deixar de ser diferente, o regime espelhava o seu criador e líder, ambos representando a culminância do encontro entre princípio e finalidade em uma unidade ótima e historicamente necessária.

Encerrando

As biografias não são somente a ilusão que as constituem, são também um instrumento de poder. Quando eu afirmei ser Getúlio Vargas o brasileiro mais biografado de todos os tempos, quis ressaltar esse fato como um dos indícios da estatura monumental que em torno dele foi erguida. Assim, as biografias entram no trabalho constante do jogo das prescrições, camufladas pelo manto descritivo com ou sem origem ou preocupações acadêmicas (BOURDIEU, 1981). Em geral, é um gênero de escrita que mata o tempo, achata a história e oferece como produto sentidos transcendentais visando à comunhão de representações e a fabricação ou o reforço de determinados grupos. Biografias costumam ser atos políticos.

Recentemente, em 2016, o Brasil passou por mais um golpe de Estado, sendo que um dos seus protagonistas foi um juiz de província, Sérgio Moro, que se pôs à frente de um conluio conspiratório, denominado Operação Lava-Jato, urdido entre membros da Polícia Federal, do Ministério Público Federal e do Poder Judiciário Federal da cidade de Curitiba, para perseguir lideranças políticas ligadas aos governos do Partido dos Trabalhadores, tendo como foco central aprisionar o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. No processo midiático de exposição

e representação das perseguições, Sérgio Moro foi sendo incensado midiaticamente como um herói nacional que estaria acabando com a corrupção no Brasil (AUGSTEN, 2019). Nessa época, principalmente a partir de 2015, a foto do juiz de província começou a aparecer em capas de livros os mais diversos, inclusive em biografias que o tinham como objeto. Ele se transformou em um negócio político e econômico. Era virtualmente impossível circular por qualquer aeroporto do país sem que em suas livrarias não estivesse algum livro com o retrato do juiz exposto em local de grande visibilidade. O processo de heroificação do juiz ativista político-partidário, que de 2019 a 2020 foi ministro da Justiça, foi fortemente assessorado pela superexposição de sua imagem e pelas narrativas de sua vida que começaram a aparecer.

Enquanto Getúlio Vargas era contra biografias, o ex-juiz, ao contrário, declarou em um programa de TV (SÉRGIO..., 2019), quando perguntado pelo apresentador quais seriam suas atividades de lazer, que gostava muito de ler biografias. O apresentador pediu que citasse uma que tivesse lido recentemente. Visivelmente constrangido e vacilante, o ministro começou a gaguejar sem conseguir responder. Talvez tenha achado pouco modesto dizer que a última biografia que lera, senão a única, fora a sua própria.

Como com qualquer tipo de arma, é preciso ter muito cuidado com biografias, especialmente as que estão a serviço da poluição.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rubens Vidal. *Os Vargas*. Porto Alegre: Globo, 1985. 3 v.

AUGSTEN, Patrícia. *A significação jornalística da justiça: uma análise da cobertura da Lava Jato na Folha de S. Paulo*. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BOMENY, Helena (org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro; Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989.

_____. Penser la politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 71-72, p. 2-3, 1988.

_____. L'illusion biographique. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62-63, p. 69-72, 1986.

_____. Décrire et prescrire: note sur les conditions de possibilité et les limites de l'efficacité politique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, p. 69-73, 1981.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. Gente com história, gente sem história: diálogo entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. *História Unisinos*, v. 10, n. 1, p. 90-98, 2006.

CARRAZZONI, André. *Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1993.

FRISCHAUER, Paul. *Presidente Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Nacional, 1944.

GOMES, Angela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e do mito Vargas: o calendário de 1940. In: BASTOS, Elide Rugai; RIDENTI, Marcelo; ROLLAND, Denis (org.). *Intelectuais: sociedade e política, Brasil-França*. São Paulo: Cortez, 2003. p. 112-145.

_____. (org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GRIJÓ, Luiz Alberto. A história ao pé da página: a biografia "Roberto Marinho". In: SILVEIRA, Helder Gordim da; ITURRALDE, Micaela (org.). *Imprensa, comunicação e ditaduras na Argentina e no Brasil: narrativas de um presente sombrio e lutas por memórias públicas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019a.

_____. Nota sobre regionalismo: Rio Grande do Sul, o "Estado mais politizado do país". In: NEUMANN, Eduardo; BRANDALISE, Carla (org.). *O Rio Grande do Sul revisitado: novos capítulos*. Porto Alegre: Martins livreiro, 2019b, p. 295-319.

_____. *O jogo das mediações: Getúlio Vargas e sua geração no Rio Grande do Sul da I República*. Porto Alegre: Homo Plasticus, 2017a.

_____. *Os nomes de poder: a Faculdade de Direito de Porto Alegre, o ensino jurídico e política no Brasil (1900-1937)*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017b.

_____. Um "conteúdo inferior": a luta pela história regional do e no Rio Grande do Sul. In: NOVALES, Ana Frega et al. (org.). *História, regiões e fronteira*. Santa Maria, RS: FACOS; UFSM, 2012. p. 61-73.

_____. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). *Estudo de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. p. 85-102.

_____. *Ensino jurídico e política partidária no Brasil: a Faculdade de Direito de Porto Alegre (1900-1937)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal de Niterói, Niterói, RJ, 2005.

_____. *Origens sociais, estratégias de ascensão e recursos dos componentes da chamada "geração de 1907"*. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

HARTMANN, Ivar. *Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Editora Tchê, 1984.

HARTOG, François. *Le miroir d'Hérodote: essai sur la représentation d'autre*. Paris: Gallimard, 1980.

HENRIQUES, Affonso. *Ascensão e queda de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Record, 1967. v. 3: declínio e morte.

_____. *Ascensão e queda de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Record, 1966. v. 2: Vargas e o Estado Novo.

_____. *Vargas o maquiavélico*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1961.

JORGE, Fernando. *Getúlio Vargas e o seu tempo: um retrato com luz e sombra*. São Paulo: Queroz, 1994. v. 2: 1900-1925.

_____. *Getúlio Vargas e o seu tempo: um retrato com luz e sombra*. São Paulo: Queroz, 1987. v. 1. 1883-1900.

KESTLER, Izabela Maria Furtado. *Exílio e literatura: escritores de fala alemã durante a época do nazismo*. São Paulo: Edusp, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Unicamp, 1994.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. p. 167-182.

_____. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LEVINE, Robert. *Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LIMA, Valentina da Rocha (coord.). *Getúlio: uma história oral*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

LORIGA, Sabina. *O pequeno X: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 225-249.

NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997. 2v.

NETO, Lira. *Getúlio: da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Getúlio: do Governo Provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. *Getúlio: dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Maria da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). *História*, v. 26, n. 1, p. 154-178, 2007.

PEIXOTO, Alzira Vargas do Amaral. *Getúlio Vargas, meu pai*. Porto Alegre: Globo, 1960.

PENDARIES, Jean-René. Approche biographique et approche structurelle: quelques remarques sur le «retour du biographique» en sociologie. *L'homme et la société, État et société civile*, n. 102, 1991, p. 51-63.

POZZOBON, Carlos Umberto. Ascensão e queda de Vargas. *Resumos de Livros*, 18 maio 2010. Disponível em: <http://carlosupozzobon.blogspot.com/2011/12/ascensao-e-queda-de-vargas.html>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SÉRGIO Moro se atrapalha e não sabe dizer o que leu em *Conversa com Bial. Ubiratan Guerra – Política*. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn34vMr3TCQ>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *Getúlio Vargas: interregno entre dois golpes – 1930/1937*. São Paulo: Grupo de Comunicação Três, 1983a. ____; _____. *Getúlio Vargas: o Estado Novo – 1937/1945*. São Paulo, Grupo de Comunicação Três, 1983b.

TAVARES, Flávio. *O dia em que Getúlio matou Allende e outras novelas do poder*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

VARGAS, Getúlio. *Diário*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Editora FGV, 1995. 2 v.

VERGARA, Luiz. *Fui secretário de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Globo, 1960.

Cartas

CARTA DE ALZIRA Vargas do Amaral a Getúlio Vargas contendo as observações que fez do livro (de Paul Frischauer). *Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC/FGV*. Classificação: GV c 1943.00.00/1. 1943. Disponível em: <https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201943.00.00/1>. Acesso em: 13 jun. 2021.

CARTA DE PROTÁSIO Dornelles Vargas a Getúlio Vargas sobre as apurações feitas em São Borja pelo escritor Paul Frischauer que pretende escrever trabalho biográfico sobre o presidente. *Arquivo Getúlio Vargas, CPDOC/FGV*. Classificação: GV c 1941.11.08/2. Data: 08/11/1941. São Borja (Vol. XXXVI/58). 1941. Disponível em: <https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201941.11.08/2>. Acesso em: 13 jun. 2021.

Verbetes

CARRAZZONI, André. *In: DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. 2010. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-biografico/carrazzoni-andre>. Acesso em: 13 jun. 2021.

VARGAS, Getúlio. *In: DICIONÁRIO histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbeta-biografico/getulio-dornelles-vargas>. Acesso em: 12 jun. 2021.